

Programa de Educação Intercultural na Escola

Ernesto Candeias Martins

Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Dept.º Ciências Sociais e da Educação

Questões Prévias

Sabemos que a nossa sociedade democrática não é culturalmente e politicamente plural, mas deverá estar preparada para dar resposta às mudanças sociais, culturais e políticas surgidas no contexto da União Europeia, devido à emigração e à existência de povos ou grupos culturais no seu seio.

A educação multicultural e intercultural [1], além de ser um fenómeno social e político, assenta numa série de factores que surgiram nas últimas décadas (a interdependência europeia e mundial com a abertura das fronteiras, a emigração, a autodeterminação dos grupos étnicos, a mobilidade dos trabalhadores, as reivindicações sociais e dos direitos humanos, a globalização, a facilidade das comunicações, etc.) e que originaram exigências educativas, às quais a escola não pode estar alheia.

A evolução das posições ideológicas, políticas e sociais face a essas tendências dependeu das circunstâncias históricas de cada país.

Na verdade, há pelo menos quatro correntes ideológicas ou políticas, que tentam dar resposta ao fenómeno multicultural, partindo de pressupostos antropológicos, filosóficos, psicológicos, sociais, linguísticos e políticos diferentes, e que são:

- Assimilacionismo homogeneizante (finais do séc. XIX, durante a I Guerra Mundial e década de 60, devido à emigração). Pretende a absorção dos diferentes grupos étnicos e culturais para uma sociedade homogénea. O critério cultural fundamental é a cultura

dominante (receptora) que é superior às outras culturas existentes na sociedade em desenvolvimento. Há que evitar o sentimento étnico e cultural, gerador de divisão, de separação e de marginalidade.

- Integracionismo aglutinador (modelo americano de '*melting pot*', surgido na década de 70). Pretende gerar uma cultura comum (identidade nacional) que integre os contributos de todos os grupos étnicos e culturais, numa pretensão de equilíbrio entre as minorias e de plena igualdade de direitos para todos os cidadãos. Trata-se de uma forma subtil de racismo e de crença na superioridade da cultura receptora ou dominante. O problema da multiculturalidade seria devido a um défice cultural e a igualdade de oportunidades à homogeneização dos modelos culturais. De facto, a 'integração' leva certos grupos ou povos à desintegração e a desequilíbrios sociais.

- Pluralismo cultural (modelo '*salad bowl*' ou '*fruit salad*'). Cada grupo cultural tem direito a conservar e desenvolver a sua cultura no âmbito da sociedade e, ainda, a educar-se em igualdade de condições, nos seus valores e conhecimentos culturais. Todas as culturas são valiosas e têm o mesmo direito a desenvolverem-se e a terem estruturas próprias. O pluralismo implica certo relativismo cultural que leva a alguma discriminação dos grupos minoritários, já que os isola na sua cultura e não lhes dá os meios sociais e educativos para participarem na sociedade. Além disso, concebem a cultura como algo estático e separado da sociedade (conjunto de costumes, ritos, tradições e valores invariáveis no tempo).

- Interculturalismo (tendência de finais do séc.

XX). Parte do conceito dinâmico e de mudança de cultura, o que implica intercâmbio e diálogo entre os grupos culturais e o seu respectivo enriquecimento. O factor étnico e cultural inter-relaciona-se com outros factores que condicionam as relações entre os seres humanos. A diversidade constitui uma expressão de riqueza da espécie humana permitindo a convivência, o entendimento e a comunicação intercultural. Esta cultura partilhada (mestiçagem) com base no pluralismo democrático (E. Morin defende que as culturas autênticas são as mestiças) parte dos supostos de igualdade e justiça social que devem ser criados.

No guarda-chuva da educação intercultural abrigam-se políticas e modelos educativos e culturais de diversa índole que incidem na concepção de diversidade cultural e na organização educativa das escolas. Cada modelo ou projecto tem, na prática, programas e experiências que contêm estratégias que permitem o desenvolvimento de um ambiente escolar, do currículo, para a formação dos futuros professores e para a melhoria das relações e convivência humana nos distintos contextos da sociedade democrática.

Elucidamos alguns aspectos do fenómeno multicultural, o qual apresenta implicações educativas e axiológicas na formação de atitudes, na educação cívica e social das gerações de alunos que frequentam as nossas escolas. É necessário que a educação, como acção e processo dinâmico e interactivo, ofereça alternativas pedagógicas ao modelo cultural existente, de modo a responder à pluralidade e complexidade social e cultural que persiste na nossa sociedade.

A complexidade do fenómeno multicultural une-se à do próprio processo educativo, originando um tipo de educação (multicultural e/ou intercultural) com modelos educativos mais heterogêneos, aplicações práticas diversificadas e uma aprendizagem cooperativa. A distância entre o 'saber' e o 'saber fazer' é o que provoca que os princípios, pressupostos e fins propostos pela Pedagogia sejam postos em causa na sua aplicação prática. O sistema educativo é resistente às mudanças das suas estruturas, principalmente por força das rotinas organizativas da escola,

dos conflitos 'curriculares' (reforma curricular) e do conservadorismo dos professores.

Na verdade, a educação do intercultural implica um enfoque intercultural da educação, isto é, uma pedagogia intercultural (contra as desigualdades, a exclusão social e étnica, o racismo, a xenofobia, as injustiças sociais e económicas, a discriminação, etc.) que possa incidir na cultura e na formação pessoal e social dos indivíduos. Esta pedagogia apoia-se no princípio de que a função básica da educação se identifica com o reforço do perfil cultural da comunidade ou da legitimidade duma cultura. Assim, a educação será intercultural desde que se potencialize a relação entre as pessoas de distintas culturas e origens sociais, garantindo situações de 'encontro' e de relações de convivência, mas sem a perda da sua identidade.

O objectivo da nossa proposta reflexiva visa a elaboração de programas de educação intercultural [2], a partir da formação de atitudes interculturais no âmbito escolar, o que implica o enriquecimento e o intercâmbio cultural com base no respeito pela diversidade e pela participação democrática. Esta filosofia da educação intercultural concretiza-se na formação de atitudes (interculturais) nos agentes educativos, na assimilação de valores para a convivência e na formação de cidadãos interculturais. Os próprios professores devem desenvolver atitudes e estratégias que favoreçam a interculturalidade no currículo e evitem o aumento das atitudes e comportamentos discriminatórios, alienantes e de marginalidade nos alunos e na escola.

A educação e a escola não dão solução a todos os problemas derivados da multiculturalidade e interculturalidade. Por isso, a intervenção pedagógica não se deve reduzir a um simples modelo educativo, mas a vários (programas, projectos) que dêem consistência aos fenómenos e realidades diversas.

Trataremos em quatro pontos a nossa exposição. Primeiramente, abordaremos os aspectos educativos emergentes da interculturalidade, o plano de educação intercultural nas escolas; segue-se a importância da formação de atitudes interculturais para a diversidade cultural e,

finalmente, a elaboração e aplicação de um programa de educação intercultural na escola.

1 - Os aspectos educativos relacionados com a interculturalidade

Pelo seu carácter globalizante, a educação intercultural integra-se nos diversos âmbitos educativos, pretendendo melhorar a convivência, promovendo valores e partindo do conceito de 'conflito' para trabalhar os conteúdos e estratégias curriculares. Assim, a diversidade cultural aborda-se desde a educação moral, que pretende eliminar as atitudes de preconceito racial e de discriminação e promove o desenvolvimento moral nos alunos, ajudando-os a porem-se no lugar do outro, a utilizar argumentos racionais justificativos dos seus comportamentos, a dialogar com respeito e tolerância, a valorizar as diferenças, a defender a igualdade, a ter atitudes autónomas e críticas perante a realidade sociocultural e ambiental envolvente.

Outro aspecto educativo relacionado com a interculturalidade é o que é dado pela educação para a democracia e para a paz, já que a educação intercultural surge das exigências sociais e políticas dos grupos e comunidades marginalizados e/ou étnicos. De facto, os valores universais da liberdade, da igualdade, da tolerância e da solidariedade orientam o processo educativo no esforço de formar cidadãos participativos e respeitadores da sociedade democrática. J. Dewey propunha pedagogicamente a interacção social nas aulas através da aprendizagem cooperativa, de maneira a desenvolver comportamentos de tolerância entre os alunos e na comunidade escolar.

Outra perspectiva é a da educação social e cívica promovida nas escolas desde a sua organização escolar, de modo a criar uma cultura participativa e democrática. A comunidade escolar converte-se numa 'micro-comunidade democrática' favorecedora das mudanças sociais, da promoção de valores e dos direitos humanos, e contribuindo com conteúdos e metodologias educativas interculturais.

Outro âmbito educativo é o da educação

integral que desenvolve nos alunos as capacidades de compreensão, capacidades críticas e de resolução de problemas multidimensionais. O currículo global cria a necessidade de tomada de consciência e de responsabilidade pessoal perante os problemas que afectam a todos, como seja, por exemplo, os conflitos culturais, a violência, questões éticas e morais, questões de racismo e xenofobia, problemas ecológicos e ambientais, a globalização, o consumo, o património cultural e paisagístico, etc.

Outro âmbito em que podemos integrar a educação intercultural é na educação para o desenvolvimento, entendendo esta como o conhecimento das causas dos desequilíbrios (económicos, sociais, culturais), como valorização da riqueza cultural e patrimonial, como potencialização dos valores e das atitudes de justiça, tolerância, cooperação e solidariedade, como procedimento transversal que englobe todo o currículo interdisciplinar, como estratégia metodológica apoiada no 'conflito' gerador da aprendizagem em grupo, da participação na aula, da motivação por temáticas actuais e, ainda, como dimensão sócio-afectiva e compromisso e acção social.

Todos estes âmbitos implicam conhecimentos e destrezas, valores e formação de atitudes nos alunos, que podem ser incluídos na formação básica, através dos conteúdos das áreas de conhecimentos relacionados com geografia, história, ciências da natureza, ciências sociais, educação artística e musical, línguas estrangeiras, língua materna, etc.

Por conseguinte, a interculturalidade exige desafios sócio-educativos e axiológicos aos agentes educativos, de modo a gerar o diálogo, a participação activa e crítica e a igualdade entre todos os seres humanos e, simultaneamente, uma mudança de atitudes que favoreça o respeito pela diferença e pela diversidade cultural. A educação intercultural não pode assumir toda a responsabilidade na concretização das igualdades e da justiça social, mas permite desenvolver mecanismos pedagógicos e axiológicos úteis para a interacção dialógica entre as pessoas de culturas distintas, num ambiente democrático respeitador da diversidade.

A escola deverá flexibilizar os modelos

culturais que transmite, de maneira a que os alunos possam dispor de um maior enriquecimento de conhecimentos, de valores, e gerar atitudes para a prática quotidiana de uma cidadania intercultural.

Não nos esqueçamos que a pluralidade de valores, significados e perspectivas caracteriza a organização da escola e, por isso, haverá que aproveitar, a partir do enfoque intercultural, a dinamização dessa pluralidade e a explicitação dos fins educativos, mobilizando todos os elementos da comunidade escolar e as organizações e instituições sociais.

2 - Plano de educação intercultural na Escola

Há uma relação entre as políticas educativas frente ao fenómeno multicultural e os modelos educativos dos quais derivam programas e experiências interculturais.

Por exemplo, a política assimilacionista pretende manter intactos a estrutura e os valores monoculturais do sistema educativo. A escola aceita todos os alunos, mas não admite a diversidade. Por isso, a igualdade não termina com a escolarização obrigatória, o que implica, como solução, modelos e programas de educação compensatória. A aquisição de competências (linguísticas) e de conhecimentos culturais leva os alunos a integrarem-se na escola com apoios sociopedagógicos específicos (currículo paralelo, escolar ou extra-escolar), incluindo ao nível familiar. O professor, neste modelo, é um agente socializador dos alunos no currículo, intentando que todos alcancem os mesmos conteúdos ou objectivos.

O modelo de integração, apoiado no paradigma educativo da diferença cultural, implementa programas de relações humanas, promovendo sentimentos positivos de tolerância entre os alunos, a eliminação de preconceitos e atitudes discriminatórias. A escola integra todos os grupos e culturas, ajudando os alunos a melhorarem as suas relações pessoais, implicando a participação de todas as áreas do conhecimento e o ambiente escolar no desenvolvimento de atitudes positivas (estratégia de aprendizagem cooperativa, técnicas de simulação, empatia, afectividades nas relações, etc.). O professor será um facilitador da comunica-

ção entre os alunos e destes com a comunidade.

Por outro lado, no paradigma educativo do pluralismo e diferença cultural, a escola apoia os alunos a desenvolver compromissos com os grupos étnicos e culturais, incorporando os conhecimentos e os valores desses grupos no currículo (materiais e conteúdos). Os conteúdos podem ser em molde de programas interdisciplinares e actividades específicas que levem à tomada de consciência dos alunos. O professor deverá ser um conhecedor dos diversos sistemas culturais e dos seus estilos de aprendizagem para facilitar a incorporação na escola.

Finalmente, o modelo e/ou programa intercultural, que insiste numa relação dinâmica entre as culturas, através do diálogo, de formas culturais novas partilhadas na comunidade escolar e na sociedade multicultural. A dificuldade da interculturalidade radica no modo como conseguiremos equilibrar o respeito pela diferença e pela diversidade e na construção de um marco social e cultural comum para todos. Daí que o modelo intercultural vise o reforço do valor da diversidade cultural; pretenda eliminar as discriminações e preconceitos para com as minorias culturais, através do respeito pelos direitos humanos; favoreça a igualdade de oportunidades e a justiça social para todos os cidadãos e uma melhor distribuição do poder na sociedade pluralista.

Ora esta intenção origina uma reforma do processo educativo dos alunos, do currículo, na organização e na cultura escolar, de modo a promover a diversidade cultural dentro da escola. O currículo, a linguagem e a organização da escola devem ser modificados, introduzindo os contributos de todos os grupos sociais e culturais, de forma inter-relacionada. Por isso, o modelo intercultural deverá institucionalizar-se no sistema educativo, ao ser uma exigência ética da sociedade democrática, no respeito pelos valores humanos e da representatividade dos cidadãos na vida social e pública.

A pedagogia intercultural conceptualiza a cultura, a sociedade e a educação, como dinâmicas activas com base na perspectiva de que o aluno é capaz de construir o seu próprio conhecimento, de forma crítica e reflexiva, a partir da informação que recebe e utilizando os re-

cursos motivadores da sua capacidade de aprender (Abdallah-Pretceille, 1990, Colom Cañellas, 1998, Martins, 1997, 2001).

No sentido pragmático, trata-se de gerar competências interculturais para aprender a agir dentro do seu próprio grupo cultural e na cultura comum construída por todos. Essa competência requer, por um lado, um conhecimento real e crítico sobre as questões culturais e sociais, introduzindo-se no currículo essas perspectivas e experiências de forma interdisciplinar, e, por outro lado, exige que se promovam atitudes positivas para com a diversidade cultural frente ao racismo, xenofobia e exclusão social, sem dissociar os âmbitos cognitivo, afectivo e comportamental. Além disso, a organização curricular e o ambiente escolar também deverão incentivar à compreensão dos problemas culturais e sociais da sociedade democrática e globalizadora.

A aprendizagem dos alunos será efectiva se os professores utilizarem metodologias activas centradas no próprio aluno, potencializando a aprendizagem cooperativa, o sentido da descoberta, a investigação sobre a realidade, através de projectos de acção e intervenção social, aproveitando estratégias diversificadas apoiadas no diálogo e na tomada de decisões reflexivas.

O próprio professor deverá ser um agente socializador e um cidadão comprometido com mudança social, agindo em coordenação com a comunidade escolar na identificação dos problemas e circunstâncias existentes na escola. Daí que na formação inicial e permanente dos professores seja importante o enfoque intercultural associado à educação dos valores, à educação ambiental e à educação para a justiça e paz.

O plano de educação intercultural aplicado nas escolas terá três aspectos fundamentais:

- *Projecto Educativo da Escola.* Na sua elaboração devemos: ter em conta a análise e a complexidade do contexto e da diversidade cultural e o modo como vivemos essa diversidade na escola; explicitar os valores que definem a identidade da escola e a postura frente às questões educativas fundamentais; estabelecer os objectivos do próprio projecto educativo como uma referência do trabalho

quotidiano e da reflexão de todos os elementos educativos.

- *Desenvolvimento do plano curricular.* O currículo transversal e as actividades são as directrizes básicas do projecto educativo da escola. O currículo intercultural servirá de instrumento mediador entre a cultura da escola e a cultura experimentada pelos alunos, explicitando-se os conteúdos a partir de diferentes perspectivas culturais. Os princípios pedagógicos a desenvolver na aula deverão ser didacticamente interactivos e diversificados, centralizados em enfoques metodológicos como o enfoque cooperativo e participativo, o enfoque sócio-afectivo, o enfoque comunicativo e o enfoque ético-moral.

- *Recursos e materiais curriculares.* A aplicação de qualquer projecto ou programa intercultural exige materiais e recursos adequados aos objectivos e aos princípios didácticos estabelecidos previamente. Daí ser conveniente fazer-se uma análise crítica, quer teórica, quer metodológica, dos recursos e materiais a utilizar e que respondam às necessidades específicas do meio ou da escola.

O plano de educação intercultural incluirá um campo prático de actividades, uma listagem do material didáctico e textos para a formação dos professores, de modo a orientar os responsáveis na elaboração do projecto ou programa de educação intercultural.

Deste modo, a escola poderá converter-se numa comunidade democrática vivida activamente, onde os alunos fortalecem o seu auto-conceito e auto-estima e geram atitudes e comportamentos positivos interculturais e sociais.

3 - Formação de atitudes interculturais

Os acontecimentos actuais transcritos na imprensa sobre os conflitos étnicos e raciais fazem com que todos os cidadãos estejam implicados ética e socialmente na formação das crianças e jovens em democracia. De facto, há argumentos pedagógicos que justificam a nossa proposta intercultural. A formação das atitudes é um dos objectivos básicos da educação intercultural. A importância da

formação de atitudes é dada, por um lado, pela sua influência no desenvolvimento do autoconceito e dos valores que lhe dão coerência e consistência no processo de socialização e culturalização do indivíduo e, por outro lado, porque as atitudes implicam todas as dimensões da personalidade do sujeito, convertendo-as num mecanismo de filtragem das ideias, sentimentos e comportamentos perante a realidade. Assim, uma das tarefas educativas para conseguirmos a igualdade de oportunidades é a eliminação das atitudes racistas e xenófobas, os preconceitos sociais e culturais e os estereótipos que impregnam as práticas discriminativas, a exclusão e marginalização social e cultural.

Os programas interculturais na escola deverão insistir na eliminação das atitudes racistas e potencializar valores multiculturais, éticos e democráticos. Aqueles programas não devem ser dirigidos exclusivamente às minorias culturais, mas sim às escolas que desejam promover a interculturalidade como um valor educativo e social e materializado na convivência escolar. A formação dos valores e das atitudes é um fim essencial e um objectivo da educação intercultural que pretende romper a preponderância cognitiva dos conteúdos no currículo, insistindo na importância das dimensões afectiva e comportamental no desenvolvimento dos educandos. O enfoque psicopedagógico construtivista apresenta dificuldades de aplicação na prática escolar, onde normalmente ensinamos normas, atitudes e valores mais ou menos explícitos.

Por isso, entendemos a formação de atitudes nas escolas a partir dos enfoques psicológicos, individuais e a partir da análise crítica das condições políticas, sociais e educativas que geram essas concepções de inter e multiculturalidade. A relação ensino-aprendizagem das atitudes tem um forte impacto social, ao permitir desenvolver pré-disposições numa sociedade em constante mudança, onde os conhecimentos e os comportamentos mudam. A multiculturalidade exige o repto educativo de encontrarmos valores que permitam o diálogo e a igualdade entre os seres humanos e a mudança de atitudes que favoreça o respeito pela diversidade cultural.

A formação de atitudes interculturais deve introduzir-se gradualmente em todas as

áreas curriculares, incluindo o currículo de formação de professores nas universidades e politécnicos, de modo a que a diversidade cultural seja um dos vectores centrais do projecto educativo da escola, da filosofia escolar e da identidade da escola como comunidade. Os programas de formação de atitudes interculturais supõem respostas pedagógicas práticas a um dos objectivos fundamentais da educação que orienta os professores na transversalidade dos conteúdos, através do ensino de atitudes, num modelo intercultural que implique condições para elaborar projectos e experiências educativas cada vez mais comprometidas e complexas (por exemplo a investigação-acção, projectos de acção e intervenção social, projectos comunitários, etc.), em consonância com o marco legislativo actual e com o projecto educativo das escolas.

4 - Programa de Educação Intercultural

São muitas as experiências e os projectos interculturais que muitas instituições promovem, mas poucos os que reúnem as características básicas para poderem ser programas educativos. Entendemos por programa/projecto o conjunto de actuações relacionadas entre si para a concretização de fins e objectivos previamente estabelecidos para podermos programar coerentemente as actividades, proceder à selecção de estratégias, de técnicas e dos recursos que sejam mais adequados na prática, e à avaliação da eficácia de todo o processo em relação aos fins propostos. O programa / projecto e a aplicação deste conjunto de actuações devem conter quatro características:

- *Adaptação.* O programa deverá estar adaptado ao contexto em que se aplica, às necessidades das pessoas a que é dirigido e às características do meio. Daí definir-se com precisão a situação inicial, determinando o objectivo fundamental do programa.

- *Realismo na escolha e na planificação das actuações,* de modo a que os objectivos sejam obtidos com os recursos disponíveis.

- *Consistência na estrutura.* O programa/projecto deverá ter uma harmonia estrutural, de modo a haver uma coerência entre os elementos do

processo (objectivos, actividades, técnicas, estratégias, temporalização, avaliação).

- **Flexibilidade.** Todo o programa/projecto deverá possuir flexibilidade, de maneira a permitir modificações oportunas ao longo da sua aplicação, com os reajustes necessários às circunstâncias ou necessidades que apareçam.

Qualquer programa de educação intercultural conterà, na sua estrutura, os elementos implicados na sua elaboração, aplicação e avaliação.

Na fase prévia de elaboração do programa, haverá que ter em conta os seguintes aspectos:

- **Descrição dos princípios elementares:** tipo de programa ou projecto, âmbitos de intervenção e aplicação, estratégias de acção, critérios de diagnóstico e de avaliação, responsáveis pela sua elaboração e aplicação e ainda o tempo de execução. Importa repetirmos, desenvolver programas pedagógicos de formação de atitudes interculturais que são dirigidas à convivência das pessoas de diferentes culturas, dentro do modelo intercultural que pretende eliminar atitudes racistas, xenófonas e de marginalização, a partir da igualdade e do respeito pela diferença.

- **Análise do contexto e do respectivo diagnóstico da situação inicial:** características do meio, características dos utentes envolvidos, das suas necessidades, potencialidades e dificuldades, dos recursos e atitudes de aplicação. Os programas / projectos são aplicados em contexto escolar (formação básica), onde há necessidade de abordar a diversidade cultural, através de aulas onde existem alunos de distintas etnias e culturas, bem como sensibilização num contexto social e educativo para gerar novas atitudes e estratégias.

- **Definição dos objectivos:** partindo do diagnóstico inicial, definimos os objectivos orientadores, seleccionamos as estratégias e técnicas e programamos as actividades. O objectivo geral dos programas consiste em mudar as atitudes dos alunos para com a diversidade cultural, proporcionando-lhes a informação e a formação necessárias para que eles mudem as suas crenças estereotipadas para com as culturas, a diversidade e a diferença. Partimos do diagnóstico de atitudes dos alunos na escola, com a aplicação de diferentes

instrumentos de medida (quantitativos, qualitativos), definindo os critérios de diagnóstico inicial e da avaliação dos resultados de cada programa, de modo a estabelecermos os objectivos de atitudes para cada grupo de alunos, dando prioridade aos aspectos mais deficitários e, simultaneamente, favorecendo a aprendizagem de atitudes de amizade, respeito, tolerância, cooperação e intercâmbio cultural.

- **Distinção das linhas de actuação no programa,** implicando todos os intervenientes (professores, pais, alunos, associações, etc.) e âmbitos educativos (família, escola, comunidade em geral) para a coordenação dos objectivos e actividades.

Definida a filosofia do programa, passamos à sua fase central, onde coordenamos todos os elementos constituintes em todas as linhas do processo de aplicação (articulação dos objectivos e conteúdos, elaboração e aplicação das actividades, selecção das estratégias educativas, utilização dos recursos e materiais didácticos adequados dentro da planificação temporal proposta).

Pretendendo a formação de atitudes interculturais, os programas deverão apoiar-se na utilização de estratégias educativas diversificadas e mais adequadas ao tipo de programa que pretendemos realizar e aos objectivos propostos. Mencionamos, por exemplo, as seguintes estratégias:

(a) **Participação activa.** Recomendamos as técnicas de aproximação didáctica, 'Role-playing' e discussão em grupo, que implicam tipos de actividades diferentes, mas adaptadas a uma faixa etária ampla e a uma dinâmica escolar activa.

- **Técnica de aproximação didáctica.** Esta técnica consiste em apresentar informação sobre um tema determinado, dando-o a conhecer aos alunos, provocando-lhes reflexão e debate crítico, de modo a aprenderem a raciocinar argumentos, a contrapor-lhes com outros pontos de vista e perspectivas, e corrigindo os respectivos preconceitos e estereótipos que não têm fundamentação. O professor ou os alunos apresentam o tema, utilizando uma diversidade de materiais ou recursos (em suporte de papel, áudio, vídeo, impren-

sa, fotografias, acetatos, estatísticas, 'painel', etc.). É importante a imaginação do apresentador e os recursos utilizados, de modo a motivar os alunos para o debate e reflexão sobre os aspectos mais importantes do tema. Esta técnica pretende a reelaboração dos temas curriculares, dando-lhes um enfoque aberto, explicitando os juízos de valor perante os fenómenos. Os alunos activam o seu pensamento crítico no momento de aprenderem conteúdos novos, desenvolvem o diálogo e procuram conclusões partilhadas.

- *Técnica de 'role-playing'*. Esta técnica consiste na apresentação de uma 'situação-problema' em que intervêm voluntariamente dois ou mais alunos (actores) com argumentos opostos, enquanto os outros colegas actuam como observadores da situação para depois se realizar a análise e o debate colectivo da turma. Cada aluno-actor recebe do professor uma orientação prévia para a atitude que vai adoptar na sua representação, devendo improvisar à medida que intervêm e argumentam as outras personagens, mas servindo-se dos seus próprios sentimentos e crenças e transferindo-os para a personagem que representa. No debate final, os alunos-actores explicam o que sentiram na representação e como viram os argumentos que adoptaram na 'situação de conflito' simulado. Por outro lado, os observadores analisam a atitude de cada personagem e os seus respectivos argumentos e apresentam situações diferentes, onde essas personagens não se identificam com pessoas ou situações reais, como, por exemplo, de racismo, xenofobia, marginalização e exclusão social.

Os alunos aprendem a pôr-se no lugar dos outros e manifestam as suas próprias ideias e sentimentos através do diálogo, o que relativiza os seus pontos de vista e gera empatia e um ambiente de confiança. O professor organiza a actividade, modera o debate sem manifestar as suas próprias opiniões e ajuda os alunos a encontrar por eles mesmos as alternativas ao conflito.

- *Técnica de discussão e participação em grupo*. À volta de um tema de interesse, organizam-se os alunos em pequenos grupos; nomeando um coordenador e um secretário para moderar e registar notas para a discussão. As normas e a duração devem estabelecer-se

previamente entre todos os membros do grupo. Definidos os objectivos pelo professor e pelos próprios alunos para a respectiva actividade, passamos ao debate, em que se recapitula a discussão para garantir a participação livre e democrática de todos os participantes, de modo a favorecer a atitude de consenso nas conclusões de cada grupo, para posteriormente serem discutidas num debate colectivo da turma.

O professor apresenta a técnica, propõe os temas e proporciona os materiais para a discussão. Com esta técnica, os alunos aprendem a defender as suas próprias ideias e respeitam as dos outros colegas, num processo de diálogo democrático, na resolução de conflitos e na tomada de decisões, a partir de posições conciliadoras e solidariamente comprometidas. Toda a discussão se gera num clima escolar de respeito pela diversidade e de procura de consenso que favoreça a acção colectiva sobre temáticas que preocupam ou interessam os alunos. Trata-se de uma cultura organizativa democrática que deverá transferir-se para fora da aula, da escola e para a formação cívica participativa e socialmente comprometida.

(b) *Cooperação na aula*. Para esta estratégia propomos três técnicas clássicas que melhoram o rendimento escolar, a auto-estima e as atitudes cooperativas para com a escola e os colegas, a assimilação dos conteúdos e também a redução de preconceitos, de altruísmos e tensões interculturais. Essas técnicas são:

- *Técnica do 'puzzle'*. Esta técnica de aprendizagem cooperativa é muito utilizada na educação intercultural. Consiste em agrupar os alunos em equipas de trabalho, estabelecendo as tarefas de cada membro, de modo que cada um elabore a sua parte correspondente e a partilhe com os outros colegas. Cada grupo 'puzzle' (de 5 a 8 alunos) está constituído por 'especialistas' em cada parte do tema ou da tarefa a executar. Inicialmente, os alunos 'especialistas' formam também um grupo para trabalhar e preparar a sua parte do tema, que depois de elaborada e aprendida, será partilhada na fase seguinte com o seu grupo 'puzzle', que é constituído por tantos especialistas como membros tem o grupo e as divisões da tarefa. Cada especialista deverá

garantir que o seu grupo realize a sua tarefa eficazmente. Quanto mais heterogéneos forem os grupos (rapazes e raparigas, rendimento escolar, condição social, raça, etc.) melhor sentido intercultural terá a actividade. Será conveniente que este método gere maior autonomia nos grupos para estabelecerem os seus critérios de organização e auto-avaliação, pois avalia-se não só o grau de conhecimento adquirido pelo grupo, como também a organização, o funcionamento e a cooperação.

Esta técnica, que pode ser combinada com outras técnicas competitivas, favorece a eliminação dos preconceitos étnicos e sociais, já que coloca os alunos nas condições propícias ao estabelecimento de relações de amizade intra e inter-grupo e de convivência multicultural, além de reduzir as tensões entre os grupos e os egocentrismos.

- *Equipa de jogo-concurso.* Esta técnica tem duas características de organização. Uma delas é que os grupos sejam heterogéneos em relação ao rendimento escolar, ao sexo, à condição social e ao grupo étnico ou cultural. Por outro lado, o seu agrupamento é imposto pelo professor, que assegura uma 'equitativa' heterogeneidade de todas as equipas. A tarefa destas consistirá em preparar um tema, numa dinâmica de trabalho entre todos os seus membros, para a participação no 'torneio' em que cada um terá as mesmas oportunidades de obter pontuações, pois competem com colegas com o mesmo nível escolar. Após a explicação do tema pelo professor e a aprendizagem do mesmo pelas equipas, organizam-se as sessões do concurso, com uma duração de 40 a 45 minutos e, uma vez ou duas por semana, o professor elabora perguntas breves que serão respondidas por um membro do grupo. Aliás, esta técnica combina cooperação com competição, em que o prémio será colectivo, o que incrementa a necessidade de interdependência entre os alunos pertencentes ao mesmo grupo.

- *Grupo de investigação ou de indagação.* Esta técnica consiste na formação voluntária de grupos heterogéneos de alunos, com a intenção de investigarem uma temática de interesse, cuja selecção e programação é feita simultaneamente pelo professor e pelos alunos, de modo que estes estabeleçam um plano de trabalho para indagarem informação e documentação,

seguindo-se a análise, a organização e a elaboração dessa informação e, finalmente, um relatório que cada grupo expõe aos outros colegas, que lhes farão críticas, sugestões e darão contributos. A avaliação será feita pelo professor e pelo grupo.

Na aplicação desta técnica distinguimos seis passos (técnicas de Dewey e Kilpatrick): o primeiro passo é a selecção do tema, a formação do agrupamento de alunos (grupos de 5 a 7 membros) e as informações do professor sobre o acesso aos materiais e recursos para prepararem o relatório; o segundo passo consiste na organização por cada grupo do seu plano de trabalho; o terceiro passo é a execução da tarefa, contribuindo cada membro com o seu esforço; segue-se a preparação de um relatório final a partir dos contributos individuais e do debate do grupo; na quinta etapa cada grupo apresenta o seu relatório; e, por fim, o professor e os alunos avaliam o trabalho feito, as estratégias, os recursos e as habilidades utilizadas na sua elaboração.

(c) *Comunicação persuasiva e intencional.*

Propomos, entre a diversidade de técnicas simples na preparação dos materiais e na sua execução, as técnicas da 'fotografia-palavra' e 'disco-fórum'. São duas técnicas que permitem utilizar e analisar os tipos de linguagem, a música e o visual (imagens perceptivas), que motivam os alunos e aproveitam os recursos e materiais do meio envolvente. A música e a imagem são linguagens atractivas para os alunos. Analisemos cada uma destas técnicas:

- *Técnica da fotografia-palavra.* Esta técnica apoia-se na apresentação aos alunos de várias fotografias que possuem uma grande carga simbólica, isto é, que evocam atitudes, sentimentos e comportamentos que geram diálogo ou debate. Após uma atenta observação, o professor incita à reflexão sobre a impressão e o significado que tem a imagem para os alunos. Posteriormente, em função dos objectivos da actividade, aprofundamos os efeitos visuais, a intenção e o olhar do fotógrafo, a reacção dos observadores, as possíveis leituras da imagem, a reflexão sobre o tema, a relação com as pessoas que a analisam, etc.; tudo com a intenção de os alunos expressarem os seus próprios valores e reflectirem sobre a forma e o conteúdo das

fotografias. Esta técnica poderá associar-se a um processo de procura e selecção de fotografias de diferentes fontes e a elaboração pelos alunos das suas próprias fotografias (individual ou em grupo), de modo a desenvolver criatividade, imaginação e gerar comunicação a partir da linguagem visual.

- *Técnica 'disco-fórum'*. Esta técnica é simples de preparar e muito atractiva para os alunos. Combina-se a linguagem musical e a verbal das canções como veículos estéticos de expressão de sentimentos, reivindicações, problemas humanos, utopias, sonhos, tradições e mitos. O professor parte das emoções geradas pela música nos alunos e da temática à volta da qual gira a mensagem, propondo uma série de perguntas motivadoras sobre aspectos interessantes para abordar crenças, valores e atitudes. É importante que os alunos ouçam primeiramente a canção num ambiente calmo, compreendam a letra, expressem espontaneamente e com confiança as suas impressões, ideias e atitudes. O professor deverá aprofundar as atitudes geradas, analisando as causas e as consequências e terminando com uma síntese dos contributos da actividade.

Nesta filosofia do modelo intercultural, os programas devem programar-se para serem integrados no currículo escolar e não como actividade da área-escola ou extra-escolar. É que a sua programação faz-se a partir das áreas de conhecimento em que se aplica, partindo dos conteúdos curriculares e da programação temporal prevista. Um programa de 10 a 12 actividades ao longo de um trimestre produz uma mudança significativa nas atitudes dos alunos.

Escolhidas e seleccionadas as técnicas para realizar as actividades num tempo determinado, devemos fazer um acompanhamento contínuo de todos os componentes e a sua coordenação. Esta fase central termina com uma avaliação qualitativa e quantitativa pelos intervenientes.

A fase final prevê actuações futuras que poderão corrigir os défices ou deficiências na programação e na aplicação, de maneira a melhorar a eficácia em sucessivas ocasiões. As conclusões e as previsões serão feitas pelos responsáveis do projecto ou programa, tendo em conta os contributos de todos os participan-

tes. É importante que os projectos ou programas sejam auto-geridos e descentralizados, isto é, que a tomada de decisão seja feita no contexto de aplicação. Será aconselhável criar fóruns de diálogo em que regularmente se favoreça o intercâmbio de experiências e perspectivas entre os profissionais e agentes educativos.

Em termos de conclusão – recomendações

Toda a proposta educativa no marco da interculturalidade responde, entre outros, aos seguintes objectivos básicos, na concretização dos quais a escola tem um papel primordial:

- Oferecer condições para a igualdade de oportunidades educativas a todos os alunos e desenvolver neles uma aprendizagem cooperativa, de modo a participarem activamente na comunidade escolar e na transformação ou (re)construção da cultura e, simultaneamente, serem gerações de cidadãos críticos nas tomadas de decisão, para desenvolverem as suas práticas sociais e culturais;

- Valorizar a diversidade existente na sociedade democrática e respeitar a diferença entre as culturas e os povos, enriquecendo-se pela interacção entre as pessoas ou grupos (objectivo da integração na igualdade e justiça social, sem discriminações);

- Gerar uma ética mínima (valores mínimos comuns) nos futuros cidadãos que dê sentido à interculturalidade, apoiando-os no diálogo, no intercâmbio de percepções culturais e linguísticas, na procura de modelos culturais e sociais alternativos;

- Tomar consciência das práticas sociais e educativas individuais e colectivas que proporcionem atitudes de tolerância, de solidariedade e de paz;

- Desenvolver competências multiculturais (conhecer, compreender e valorizar as distintas culturas e línguas, de maneira a eliminar as discriminações e as marginalizações em que se encontram determinadas classes, povos ou etnias);

- Favorecer o desenvolvimento de uma identidade cultural aberta e flexível que integre os elementos inter e multiculturais existentes no meio envolvente;

- Incorporar curricularmente temas transversais úteis à formação dos alunos e criar, no âmbito do Projecto-Escola e Área-Escola, actividades geradoras de uma convivência intercultural que respeite a diversidade cultural e as diferenças (sociais, económicas, físicas, etc.).

Pensamos que a formação de atitudes interculturais, através da acção racional, deverá centrar-se na própria actividade do sujeito que interpreta e avalia a informação do seu meio envolvente, que constrói as suas próprias atitudes para agir e actuar com os outros, que reconhece a influência dos contextos em que vive e interage com os outros, que integra as dimensões cognitiva, afectiva e comportamental no seu desenvolvimento, etc. Assim, partindo da perspectiva construtivista da aprendizagem de atitudes interculturais, a dimensão pedagógica apoia-se no currículo escolar e nos seguintes princípios metodológicos:

- diversidade de perspectivas, conteúdos, modelos culturais e recursos/materiais;
- metodologias derivadas da cooperação e das relações entre os alunos, de modo a criar empatia, uma melhor relação pedagógica, a autonomia e a convivência e melhorar o aproveitamento escolar;
- aprendizagem activa dos alunos, partindo de conhecimentos prévios, comprometendo-se na elaboração, interpretação e avaliação dos seus conhecimentos;
- desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade;
- planificação de actividades motivadoras e culturalmente significativas para os alunos;
- aproveitamento dos recursos do meio envolvente (cultural, artístico e ambiental) de modo a valorizar a diversidade cultural;
- promoção do diálogo como processo comunicativo de partilha e de consenso de ideias;
- promoção da aprendizagem cooperativa, sendo o professor um orientador e facilitador das situações de aprendizagem na aula;
- programação de actividades auto-avaliativas de todo o processo educativo;
- explicitação dos valores subjacentes às atitudes interculturais; etc.

Para educar as atitudes interculturais, propomos a comunicação persuasiva, a aprendizagem cooperativa, a participação e a implicação afectiva do aluno na sua aprendizagem, o desenvolvimento do pensamento crítico, a utilização de materiais e actividades promotoras da análise de valores e da resolução de conflitos, as discussões democráticas, a tomada de decisões, etc. A escola, como instituição social, deverá, pois, possuir uma cultura organizativa intercultural.

Aqui deixamos a nossa reflexão nesta lenta tarefa de reformar e melhorar a educação na sociedade intercultural e da informação. A nossa pretensão pedagógica será a formação de atitudes interculturais nos professores, nos alunos e na escola, pois esta, como instituição social, cultural e educativa, é o lugar propício para desenvolver projectos e programas interculturais socialmente transformadores da mentalidade humana.

Bibliografia

- ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1990). *Vers une pédagogie interculturelle*. Paris: Public. de la Sorbonne et Institut Nat. de Recherche Pédagogique.
- ABOUT, F. (1988). *Children and Prejudice*. Massachusetts: Blackwell.
- AJZEN, I. & FISHBEIN, M. (eds.) (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. New Jersey: Prentice-Hall.
- AVANCINI, G. (1991). *L'école, d'hier à demain*. Toulouse: Eres.
- BANKS, J.A. & MCGEE BANKS, Ch. A. (eds.) (1989). *Multicultural education: issues and perspectives*. Massachusetts: Allyn & Bacon.
- CERI - OCDE (1989). *L'écoles et les cultures*. Paris: Public. OCDE/CERI.
- CLANET, C. (1990). *L'intercultural*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- CODINA MIR, T. (1991). "Educación en la diversidad". *Cuadernos de Pedagogía*, n.º 196 (Octubre), pp. 27-28.
- COLOM CAÑELLAS, A.J. (1998). "Internacionalismo Pedagógico, Pedagogias de Baixa Densidade e Educação Europeia". *Educare, Educere*, Ano III, n.º 4.
- CORTESÃO, L. & PACHECO, N.A. (1991). "O Conceito de Educação Intercultural. Interculturalismo e Realidade Portuguesa". *Inovação*, Vol. 4, n.º 2-3, pp. 33-44.
- DEMORGEON, J. (1989). *L'exploration interculturelle. Pour une pédagogie internationale*. Paris: Armand Colin.

- DÍAZ-AGUADO, M.J. & BARAJA, A. (1993). *Interacción educativa y desventaja sociocultural: un modelo de intervención para favorecer la adaptación escolar en contexto inter-étnicos*. Madrid: CIDE.
- FERDMAN, B.M. (1990). "Literacy and Cultural Identity". *Haward Educational Review*, 60 (2), pp. 181-204.
- GALINO, M.A. & ESCRIBANO, A. (1990). *La educación intercultural en el enfoque y desarrollo del curriculum*. Madrid: Narcea.
- GIROUX, H.A. (1992). *Border Crossings: Cultural Workers and the Politics of Education*. London: Routledge.
- GIROUX, H.A. & FLECHA, R. (1992). *Igualdad educativa y diferencia cultural*. Barcelona: Roure.
- GIROUX, H. & McLAREN, P. (1990). "La educación del profesorado como espacio contrapúblico: Apuntos para una redefinición". In Th. Popkewitz (ed.), *Formación del profesorado. Tradición. Teoría. Práctica*. València: Servei de Publicaciones de la Universitat de València, pp. 244-271.
- HANNOUN, H. (1992). *Els ghettos de l'escola. Per una educació intercultural*. Vic: Eumo.
- JORDAN, J.A. (1997). *Propuestas de educación intercultural para profesores*. Barcelona: Ceac.
- KALANTZIS, M. et al. (1990). *Culture of Schooling: pedagogies for cultural differences and social access*. London: Falmer Press.
- LADMIRAL, R. & LIPIANSKY, M. (1989). *La Communication interculturelle*. Paris: Ed. Armand Colin.
- LLUCH BALAGUER, X. & SALINAS CATALÁ, J. (1995). *Programa d'educació en valors per a la Pau. Pla d'educació intercultural*. València: Generalitat Valenciana – Conselleria d' Educació i Ciència.
- MARÍN IBÁÑEZ, R. (1992). "Educación Multicultural e Intercultural". In *Actas del Congreso Internacional de Educación Multicultural*. Madrid: Publ. UNED.
- MARTINS, E.C. (1997). "A Educação Intercultural e a Formação dos Professores na Perspectiva da Europa Unida". *Educare, Educere* (Número Especial), Ano II, n.º 3, pp.301-318.
- MARTINS, E.C. (2001). "Pedagogia intercultural". *Ensino Magazine* (RVJ – Reconquista de Castelo Branco), Ano IV, n.º 37 (Março), p. 12.
- MONTANI, M. (1991). "L' Universalismo Culturale: identità che si coniugano con alterità". *Orientamenti Pedagogici*, n.º 224, pp. 319-326.
- MUÑOZ SEDANO, A. (1990). "L'escuela intercultural dins dels models organitzatins de l'escola del sègle XX". In *Actas del Seminario Europeo "Hacia una educación intercultural"*. Valencia: Conselleria de Cultura i Ciència, pp. 23-34.
- OUELLET, F. (1991). *L' éducation interculturelle*. Paris: L'Harmattan.
- POPKEWITZ, Th. (ed.) (1990). *Formación del profesorado. Tradición. Teoría. Práctica*. València: Servei de Publicaciones de la Universitat de València.
- PUIG MORENO, G. (1991). "Hacia una Pedagogía intercultural". *Cuadernos de Pedagogía*, n.º 196 (Octubre), pp. 8-10.
- SOUTA, L. (1991). "A Educação multicultural". *Inovação*, Vol. 4, n.º 2-3, 45-52.
- SLAVIN, R.E. (1990). *Cooperative Learning. Theory, research and practice*. Massachusetts: Allyn & Bacon.
- TODD, R. (1991). *Education in multicultural society*. London: Cassell.
- WILLIS, P. (1990). *Common Culture Symbolic Work at Play in the Everyday Cultures of the Young*. Boulden: West View Press.
- ZABALZA BERAZA, M.A. (1992). "Implicaciones curriculares de la educación intercultural". In *Actas do X Congreso Nacional de Pedagogia (SEP) - 'Educação Intercultural en la Perspectiva de la Europa Unida'*, Tomo 1, pp. 329-349.

Notas:

[1] Os termos 'educação multicultural' e 'educação intercultural' dão-se no âmbito geográfico de uso, de modo que os países anglo-saxónicos (Inglaterra, EUA, Canadá, Austrália) utilizam o primeiro termo orientado para os grupos culturais, étnicos, classes sociais desfavorecidas e marginalizados, enquanto o segundo é utilizado pela literatura europeia no âmbito dos grupos étnicos e culturais (imigrantes). De facto, o termo 'multicultural' tem um teor mais descritivo da realidade onde se misturam as várias culturas e línguas (modelos curriculares assimilacionistas), enquanto o 'intercultural' é mais normativo, pois refere-se ao processo de intercâmbio e de interação comunicativa desejável na sociedade europeia, tal como recomenda o Conselho da Europa. Se a educação responde a uma dimensão normativa e prescritiva, será mais adequado usar o termo 'educação intercultural', já que o prefixo 'inter' traduz esse dinamismo e reciprocidade educativa entre culturas (pedagogia intercultural).

[2] O conceito 'intercultural' contém o significado da intencionalidade da unidade na diversidade cultural, das atitudes e comportamentos sintonizantes com os princípios ético-morais do entendimento e da solidariedade humana entre pessoas e povos de diferentes culturas. O 'interculturalismo' deve ser entendido, por um lado, como interação, reciprocidade, intercâmbio, abertura, aproximação, convivência e solidariedade efectiva e, por outro lado, como o reconhecimento de valores, modos de vida, costumes, representações simbólicas na mesma cultura ou entre culturas diferentes. Assim, o interculturalismo é uma inter-relação sistémica mais complexa (relações entre os subsistemas) em que os sistemas culturais influem nos sistemas educativos, na medida em que partilham ambos de objectivos aceites que definem estratégias para favorecer o 'interculturalismo'. Deve-se valorizar as diferentes culturas como fonte de enriquecimento e não através de hierarquias de boas, más e mediocres, que provocam desigualdades.